

## NOTAS DE VIAGEM A ITÁLIA

ERNESTO RODRIGUES\*

ENTRE ASSIS, Bolonha e Pádua viveu Santo António a última década terrena; entre Siena e Pisa, Pedro Hispano, antes de ser Papa de Roma. São os trecentistas mais ilustres, sepultados numa Itália que não documentaram. Desde 1435, obrigações conciliares inauguram périplos hoje bibliografados<sup>1</sup>, sendo pena que também o infante D. Pedro (1428) não contasse de Roma, Veneza e, talvez, Treviso... Como nada retiramos de mestres universitários que A. Moreira de Sá trouxe a título: *Humanistas portugueses em Itália. Subsídios para o estudo de Frei Gomes de Lisboa, dos dois Luíses Teixeiras, de João de Barros e de Henrique Caiado*<sup>2</sup>. Caso para acrescentar Diogo Pires, Damião de Góis, Frei Heitor Pinto, inclusive Verney (em Roma desde 1736, até à morte, em 1792, e que só nalgum soneto cita a cidade ou o *Moisés* de Miguel Ângelo<sup>3</sup>)...

Nas quatro *Cartas de Itália* enviadas, em 1452, de Siena, Roma, Nápoles e de lugar indeterminado, Lopo d'Almeida já

---

\* Poeta, ficcionista, ensaísta e tradutor. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Director do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.

<sup>1</sup> Sara Augusto, "Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela", in Fernando Cristóvão, coord., *Condicionantes culturais da literatura de viagens. Estudos e bibliografias*. Coimbra/Lisboa, Almedina/CLEPUL, 2002, pp. 83-125 (87-98, 112-117).

<sup>2</sup> Lisboa, INCM, 1983.

<sup>3</sup> Ver Francisco Topa, *Poesia inédita de Luís António Vernei*, Porto, Edição do Autor, 2001, pp. 19, 353, 357.

procede a um confronto, embora entre alemães e portugueses<sup>4</sup>. O século XVI, contudo, altera a situação.

Sá de Miranda vai cultivar-se – e sofrer. Em “Cantiga feita nos grandes campos de Roma”, estes campos são “sem fim”, e “cheos”, mas “de dôr e de pesar” ou “de saudade e pesar”, conforme as edições. Vive em “ceos alheos / Em terra estranha e mar. / Mal sem meo e mal sem fim, / Dôr que ninguém não entende”<sup>5</sup>. É uma nota dissonante na paisagem de quase geral admiração que acompanhará outros artistas – de Francisco de Holanda a António Carneiro, que inspira o nosso título (1899)<sup>6</sup> –, tal como peregrinos, diplomatas<sup>7</sup>, ensaístas<sup>8</sup>, turistas.

Por norma, faz-se a “descrição de muitas igrejas e outras cousas desta cidade”, como em narrativa anónima de 1532 de Lisboa a Roma, ou em *Relação das cousas de Roma* (1553), segundo o arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes. Há menos partidas de outras cidades<sup>9</sup>. Mas a monotonia não tem de ser o pão nosso de cada um dos inúmeros títulos. Infelizmente, os lugares correm a alta velocidade, como num comboio alado. Partindo de Génova, escreve o padre Jerónimo Lobo: “Passei por Luca, Sena, Florença, por várias

---

<sup>4</sup> Cf. Manuel Simões, “O panegírico de Portugal nas *Cartas de Itália* de Lopo d’Almeida”, in *Studi di iberistica in memoria di Alberto Boscolo* a cura di G. Bellini, Roma, 1989, pp. 211-218; = *Tempo com espectador. Ensaios de literatura portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri, 2011, pp. 9-17.

<sup>5</sup> *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lisboa, BN, 1885, p. 16.

<sup>6</sup> Cf. Flórido de Vasconcelos, “*Notas de Viagem a Itália* (1899) de António Carneiro”, *Estudos Italianos em Portugal*, 45-47, 1982-1984 [1986], pp. 90-161.

<sup>7</sup> Teresa Leonor M. Vale, *Diário de um embaixador português em Roma (1676-1678)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006.

<sup>8</sup> Fidelino de Figueiredo, “Do gothico e das cathedraes na litteratura”, *Estudos de litteratura*, quarta série (1921-1922), Lisboa, 1922, pp. 11-108; Eduardo Duarte, “Uma viagem a Itália no século XVI. D. Frei Bartolomeu, a arquitetura, a escultura e as porcelanas”, *Arte Teoria*, 12-13, 2010, pp. 221-229.

<sup>9</sup> Veja-se Maria Helena da Cruz Coelho, Maria José Azevedo Santos, *De Coimbra a Roma. Uma viagem em meados de Quinhentos*, Coimbra, Coimbra Editora, 1990.

idades do Estado do Papa. Aos 9 de Mayo [de 1638] entrei em Roma, onde me detive mais de 7 meses e vi tudo o que naquella cidade he digno de se ver, com as 7 e as 9 igrejas, vendo nellas o muito que tem para venerar<sup>10</sup>.”

Excitantes – como Lobo há-de perceber em Nápoles – são relíquias de santos e do mesmo Cristo, que os assistentes de Trento não perdem, aproveitando também para dar um salto à Terra Santa. Esta, aliás, é razão para trânsito italiano: a visita aos Lugares Santos exigia licença do Papa ou do Comissário-Geral de Jerusalém no mosteiro romano de Ara Coeli<sup>11</sup>. Não raro, a devoção dava em delação, com denúncia de cristãos-novos judaizantes portugueses vivendo em Itália.

A atmosfera tridentina e Roma como lugar de partida e chegada (antes do regresso a Portugal) revêem-se em Frei Pantaleão de Aveiro. Eis síntese de Fernando Campos<sup>12</sup>, que o heroificou em *A casa do pó*<sup>13</sup>:

No “Prólogo aos Devotos”, explica-nos como surgiu a oportunidade de ir à Terra Santa. Estava ele na Cúria Romana como adjunto do secretário da Ordem, Fr. António de Pádua, trabalhando ambos com o seu Geral, Fr. Francisco de Zamora, aparece o recém-nomeado guardião de Jerusalém, Fr. Bonifácio de Ragusa ou Aragusa (actual Dubrovnik). Pedia-lhe que o acompanhasse por terras de Itália a formar a nova família franciscana que havia de ir revezar na Palestina os frades que deviam regressar ao cabo dos três anos habituais de missão nos lugares santos. [...] Corria o ano de 1561, abria o terceiro período

<sup>10</sup> *Itinerário e outros escritos inéditos*, edição crítica pelo P.e M. Gonçalves da Costa, Porto, Livraria Civilização Editora, s. d. [1971], p. 655.

<sup>11</sup> Cf. Durval Pires de Lima, “Itinerários manuscritos da Terra Santa”, *Revista da Biblioteca Nacional*, s. 2, 4 (2), 1989, pp. 79-112. Além de demora em Fr. Pantaleão de Aveiro, analisa título manuscrito (pp. 95-100) de Fr. António Soares de Albergaria, que passou por vários lugares de Itália (1552-1554); regressa a Roma (1555), onde está uns três anos (1558). Na volta, visita algumas cidades italianas.

<sup>12</sup> Ernesto Rodrigues *et alii*, coord., *Dicionário de literatura*, Porto, Figueirinhas, 2002, s. v. “Aveiro, FREI Pantaleão de”.

<sup>13</sup> Lisboa, Difel, 1986, Importa cap. V: “Roma... Veneza... Trento...”.

do Concílio de Trento. P. de A. conhece então grandes dignitários da Igreja. Na companhia de Bonifácio de Ragusa, é recebido pelo Papa Pio IV, que o faz confessor apostólico. // Formada a família dos franciscanos, parte de Veneza à frente dela, a 4 de Dezembro de 1562, dia de Santa Bárbara. Vai com ele o padre franciscano Fr. António Zedilho, companheiro de Francisco de Orantes. Tornam-se amigos. [...] // *O Itinerário da Terra Santa* pode esquematizar-se da seguinte forma: I – De Veneza a Jerusalém (4 de Dez. de 1562 – 5 de Maio de 1563): as anotações pessoais do género diário, com elementos cronológicos (referência a luas, festas de santos e litúrgicas); [...] IV – Partida de Chipre (20 de Junho [de 1565]); chegada a Corfu (19 de Julho); oito dias depois, partem de novo; o mau tempo leva-os para o sul de Itália. Fr. P. de A. e Fr. António Zedilho desistem da viagem por mar, desembarcam junto a Nossa Senhora de Galípoli e dirigem-se para Roma. Não se sabe quando regressou a Portugal.

Esperava-se largueza no padre António Vieira, menos em primeira jornada (1650), e muito na segunda a Roma, em que viveu de Novembro de 1669 a Dezembro de 1673. A vasta correspondência dirigida aos amigos ocupa-se mais do perigo turco e pouco da atmosfera social, se não são as febres que o tolgem nos frios invernos. Essa rasura pode ter explicação em linhas para o marquês de Gouveia: “Mais gosto de ver de Roma as ruínas e desenganos do que foi, que a vaidade e variedade do que é, [...]” (31-I-1671) Tiram-lhe o sono as nocturnas “comédias do Carnaval” (14-II-1671), terramotos e réplicas (4, 18-VI-1672)<sup>14</sup>.

Se, em Setecentos, pontifica o fausto das embaixadas<sup>15</sup> ou ainda ordena a devoção<sup>16</sup>, a segunda metade de Oitocentos,

<sup>14</sup> *Cartas*, II, ed. de J. Lúcio de Azevedo, Lisboa, INCM, 1997.

<sup>15</sup> Júlio Dantas, “A embaixada”, *Êles e elas*, Porto, Livraria Chardron, 1918, pp. 217-221. Associar “A carta de Roma”, *Pátria portuguesa* [1914], Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1916, pp. 149-155.

<sup>16</sup> *Até Roma: uma viagem com devoção, longa e árdua. Diário de Frei Joaquim de S. José em 1750*, estudo e notas de Maria Luísa Cabral, Lisboa, BNP, 2011.

sem combater esta<sup>17</sup>, tudo altera. Na batalha das nacionalidades pós-1848, a Itália atrai simpatias, sendo determinante o nome de António Pedro Lopes de Mendonça, cujas *Recordações de Itália*<sup>18</sup> significam viragem, e propondo, com “Beatriz”<sup>19</sup>, uma Veneza de paixão e guerra, em que a geografia se dilui, ou secundariza. Isso fará o discípulo Júlio César Machado, não sem, antes, dar o seu ar de *torista*, como escrevia. Entremos em *Do Chiado a Veneza* (1867).

Milão titula grande parte desta obra; começa, todavia, por, no cap. II, resumir Veneza – suas noites, amores gondoleiros, pombos em São Marcos, palácios, “pés pequenos das venezianas” (p. 19) –, Florença – pintura, escultura, arquitectura – e Milão – “doce flunar no Corso” (pp. 19-20), museus, teatros, artistas, mulheres. A guerra em curso é para outros; e Florença não reaparece.

Milão é “pequena, graciosíssima; um pouco afrancezada talvez no luxo e nas modas, mas temperando isso com a voluptuosa morbidez, o falar a meia voz, o gesto lânguido e sedutor que caracterizam a Itália.” (p. 22)

Júlio César instala-se no Hotel de la Ville, no corso Vittorio Emanuele, aonde afluem cantoras, bailarinas, turistas. Nos primeiros dias, pasmado de que haja tantos corcundas em Milão, toma um por guia. Resume-se, entretanto, a teatros líricos (não de declamação, ditos maus) e circo, a passear e a visitar prima-donas. Deixa má imagem dos padres; em

---

<sup>17</sup> Caso de um desconhecido José António da Conceição Vieira (1831? 1832?-?), *Recordação da minha romaria ao Vaticano em 1877*, Lisboa, 1878, que Guilherme de Azevedo verbera em “Chronica Occidental”, *O Occidente*, 15-7-1878; ou Padre Gonçalo Alves (1870-1932), editor de António Vieira, reportando, entre os lugares da cristandade, *A Grande Roma: impressões de viagem. Notas críticas, históricas, impressionistas, sentimentais e religiosas*, Porto, 1896.

<sup>18</sup> *Revista universal lisbonense*, 28-9-1850/31-7-1851; em 2 vols., Lisboa, 1853. Passa por Génova, Pavia, Milão, Monza, Lago de Como, Veneza, Pompeia, Milão, de novo.

<sup>19</sup> *Scenas e phantasias de nossos tempos*, Lisboa, 1860, pp. 151-160.

contraponto, sendo a Itália “jardim da Europa” (p. 19), bem figurado nas mulheres, as flores abundam, do curso aos camarotes. Terra de amores, vêm logo entressachadas aventuras do coração, dominando a parte central da obra.

Desembarca em Veneza sob chuva triste, muda de roupa, janta, vai aplaudir Rossi. Amanhece para uma ilusão, para gritos hipocorísticos, lojas semelhando “casinhas de bonecos”, ora de ourives, ou de pasteleiros: “comer, e brilhar” (p. 148). Vendem-se vidrinhos pela rua. O percurso segue, descritivo – Rialto, S. Marcos e seus edifícios –, repleto de mandriões (que é dizer o mínimo). E lá vem nova história de amor, para encurtar viagem. Reencontramo-nos no Palácio Ducal, com documentação atinente a Portugal, e passamos as noites entre o Florian e o Teatro Malibran. O regresso é um choque, ao trocar a Itália, “a patria das artes, da graça, da benevolencia, do bem estar, e das doçuras da poesia” (p. 228), pelo Chiado, onde acabava de fechar o seu botequim: o Marrare.

Alberto Pimentel ficciona “Raphael”<sup>20</sup> em Roma, minimizando outras cidades. Luciano Cordeiro vai de Trieste, via Udine, até Veneza, para exclaimar: “Ao longe, *super aquas*, numa espécie de poeira de ouro e coral aparecia Veneza, Veneza oriental, a fantástica, a aquática, a única, *Venezia la bella*.”<sup>21</sup> Descritivo, Ricardo Guimarães, na pele de Visconde de Benalcanfor, ficou deslumbrado pela baía de Nápoles, por onde abre *Na Italia* (Porto, 1876). Aí volta em *De Lisboa ao Cairo. Scenas de viagem* (Porto, 1876), encerrando com Roma (pp. 361-363; depois, Pisa, Génova), mas sem espaço para demoras discursivas, tanto havia que contar... Carlos Lobo d’Ávila comboia-se, em *Carteira d’Um Viajante. Aparentamentos a Lapis* (1878), também por Trento, Roma, Milão, Lago de Como, Bellagio, com uma recepção singular nos cír-

<sup>20</sup> *Nervosos, lymphaticos e sanguineos*, Porto, 1872, pp. 157-159.

<sup>21</sup> *Viagens. França, Baviera, Áustria e Italia*, Lisboa, 1875, pp. 226.

culos lisboetas<sup>22</sup>. Por Nápoles e proximidades flana Adolfo Loureiro, *No Oriente – De Nápoles à China. Diário de viagem* (2 vols., Lisboa, 1896-1897; feita em 1883-1884: parte de Nápoles, aonde regressa, seguindo por Génova e Milão).

Aqui, importa referir dois estudos.

Conjugando Fátima Outeirinho<sup>23</sup> e Luís Prista<sup>24</sup>, acrescentamos, deste, que mapeia itinerários: D. José Trazimundo Barreto, Marquês de Fronteira, com duas viagens (1825-1826, 1830-1831) por uma quinzena de cidades – Veneza maravilhosa; equipara Lisboa e Nápoles, sendo esta mais alegre – plasmadas nas *Memórias* (Lisboa, 1926-1930; 1932); um desinteressante Alves Mendes, *Itália. Elucidario do viajante* (Porto, 1878); o pintor Marques de Oliveira, com *Diário de viagem* [1892 (Porto, 1955)] bem nutrido de urbes, mas telegráfico. Um ignorado Bulhão Pato esteve, em 1883, “Na Galleria degli Uffizi”, seguindo para Nápoles, onde redige “A Sorrento e a Capri”<sup>25</sup>.

Fátima Outeirinho aprofunda Benalcanfor e lembra folhetins de António Rodrigues Sampaio n’*A revolução de Setembro* (1862), reproduzidos n’*O comércio do Porto*, em que se apoia. Discorrem ambos sobre monsenhor Joaquim Pinto de Campos (*Impressões de viagem na Itália e Sul de França*,

---

<sup>22</sup> “Uma pergunta feita ao leitor com a maior sinceridade: – Já leu a *Carteira d’um viajante*? // Se não leu tenha a bondade de ler quanto antes considerando no seguinte: O auctor, Carlos Lobo d’Avila, tem 18 annos apenas, segundo confessa unanimemente toda a imprensa periódica: n’este ponto, acho-me disposto a concordar com ella; e, cousa rara e que poucas vezes acontece: [...] acho-me de accordo nos louvores tributados ao auctor d’este livro em que eu vejo [,] antes de tudo, uma revellação brilhantíssima.” Guilherme d’Azevedo, “Chronica occidenal”, *O Occidente*, 15-12-1878.

<sup>23</sup> “A presença da herança clássica na narrativa de viagem a Itália”, in Marta Várzeas, ed., *As artes de Prometeu: estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*, Porto, Faculdade de Letras, 2009, pp. 149-157.

<sup>24</sup> “*Uma primavera* e outros livros portugueses de viagem a Itália”, in Abel Salazar, *Uma primavera em Itália* [1934], Porto, Campo das Letras, 2003, pp. 9-75. Estuda 24 autores.

<sup>25</sup> *Memórias*, t. III, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s. d. [1986], pp. 227-229, 231-236.

Lisboa, 1880), um brasileiro que morreu em Lisboa (1887). Demoremo-nos no Sampaio d'*A revolução*.

Ele deixara como redactor A. A. Teixeira de Vasconcelos, a quem se dirige ("Meu caro António Augusto") a abrir edição de 27 de Junho: "Politica Estrangeira / Roma, 8 de Junho de 1862". Saíra de uma saudosa Nápoles às 16 horas – evocando Cícero, Júlio César, Virgílio e *Eneida* repleta de heróis, Pompeia, Herculano –, e chega no dia seguinte, às 14 horas, exasperado pelo controlo dos passaportes nos Estados da Igreja. Tomando a parte – Nápoles – pelo todo, Portugal fica a perder: "Mas na frescura dos seus campos, na verdura das suas margens, na fertilidade das suas colinas, é necessário ceder o passo á Itália." No "espantoso" movimento daquela cidade, onde as crianças "nascem aos centos", é um rodopio de carruagens: "Parece que ninguém alli anda a pé." Ruas largas, praças espaçosas, sem polícia, onde "cada um vende o que quer". Com dois amigos, sobe o Vesúvio em três horas: "É horripelmente bello." Arrepiam-se ver casas, todas caiadas, pomares, etc., à sombra desta ameaça.

A segunda carta (Roma, 11 de Junho) sai a 29. Avalia o napolitano "museu borbonico", para concluir: "Italia é a terra das artes." Prova-o com Pisa – torre, catedral, baptistério, campo santo –, após horas breves em Génova e Liorne. Compara a liberdade aqui reconhecida aos adversários com o «frívolo temor da liberdade» reinante em Portugal.

A terceira carta (Roma, 14 de Junho) sai a 1 de Julho. Dominada por peripécias à volta da Rocha Tarpeia, estabelece um paralelo entre Roma antiga e moderna. A quarta (Roma, 16 de Junho; 2-VII) informa das exéquias de D. Pedro V em Santo António dos Portugueses.

Na quinta (Florença, 2 [sic] de Junho; 3-VII), visita Tivoli, evocando Horácio e outros antigos. Mas o desperdício de água na insalubre *campanha* romana leva-o a concluir: "Roma tem condições de boa administração, e não ha paiz mais mal regido." A caminho de Florença, troca estes pântanos pelo

solo inculto dos Estados papais. Já a Toscana é um “extenso jardim”. A mendicidade, enfim, é uma praga italiana.

A sexta (Turim, 27 de Junho; 6-VII) distingue Roma, “cidade de recordações e de ruínas”, de Florença, “cidade de recordações mas sem ruínas”, também oposta a Civitavecchia na presteza com que se dispensa o passaporte. A bem tratada paisagem entre Siena e Florença, vista do comboio, rivaliza com o asseio desta, limpa – também de mendigos. Cantados seus cumes artísticos, a única “coisa bem triste” é a falta de fontes e chafarizes... Ainda de Turim (29 de Junho; 9-VII), a sétima é política, entre impasses e esperanças na unidade peninsular.

Nem uma coluna ocupa a de Milão, 2 de Julho (13-VII), chegado de Turim e de um continuado “jardim”. Um parágrafo sucinto sobre monumentos alivia-o daquela cidade. No dia seguinte, parte para Veneza, “velha e decahida rainha do Adriatico”.

De lá vem carta de 5 de Julho [Junho, gralhado; 16-VII] sobre a “decadencia de hoje” às mãos do despotismo austríaco. O viajante admira, mas não ama, a “pobre” Veneza: “Surprehende-me mas não me captiva.” Já de Paris, 12 de Julho (20-VII), ainda retrata Veneza, “triste, melancholica, sombria”, vigiada por guarnição estrangeira e segunda língua. Cidadão e soldado não se misturam; com nobres emigrados, os palácios viram quartéis ou hospedarias: “Pesa sobre Veneza um lucto rigoroso.”

Estas décadas são um daguerreótipo que figura a Itália em vias de *risorgimento*. Olha ao estado das coisas, e aos estados em confronto, com um voto que lança a propósito de Veneza: o direito à liberdade e à independência.

Encerram século italiano – vívido em Joaquim de Araújo, admirado em J. Ramos Coelho – Manuel Teixeira-Gomes e Ramalho Ortigão, que já faz trânsito para o século XX. Nesta centúria, à preciosa lista de Luís Prista – Brito Camacho, Antero de Figueiredo, Justino de Montalvão, Queirós Ribeir-

ro, Ramalho, Jaime Cortesão, Ricardo Jorge, Gaspar Baltar, Carlos Santos, Abel Salazar, Urbano Rodrigues, Urbano Tavares Rodrigues, Agustina Bessa-Luís – acrescentaremos notas sobre J. Reis Gomes, Miguel Torga e lembretes finais.

Teixeira-Gomes (“Agripina”, *Inventário de Junho*, 1899<sup>26</sup>) hedoniza entre Nápoles e seu museu, Pompeia, Capri, Sorrento, Castellamare e a nudez de mais de cem rapazes na praia, monte Coppola. Acrescenta algo de incomum nestes viajantes, que choca a moral de hoje: inebriado pelas “vinhas de Posilipo”, adormece “embalado pela suavíssima canção desse mar”; acorda com o Sol. E logo:

Todos os dias visitava, à mesma hora, a pequenina Giudetta Gigli, que certa rufiana me oferecera em *via Toledo*. [...] Tinha doze anos, o cabelo vermelho como chamas na escuridão da noite e leves reverberações de aurora nos seios agudos. Recebia-me nua, cercada das labaredas do cabelo solto, estendida – toda ela miudinha e perfeita – no leito imenso, sobre uma colcha de damasco carmesim...

Ramalho Ortigão<sup>27</sup> recebe a notícia do falecimento de Eça (16-VIII-1900) em Veneza, donde escreve a 24. A 17, estava em Turim, mas ainda não sabe da morte. A 1 e 8 de Setembro, pisa Florença. Na segunda visita a Itália, conta entrevista que o Papa Leão XIII lhe concedeu (10-XI-1901; pp. 139-140). *Pela terra alheia* (1916) insere, desta época, “Flores de Roma” – com essa visita vaticanal – e “Sicília (Impressões de arte)”, visita de “sete annos” antes (Nápoles, Palermo, Messina: “[...] aplica-se em maioria na museologia da ilha<sup>28</sup>”) agora

<sup>26</sup> 5.ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1984, p. 24.

<sup>27</sup> *Cartas a Emília*, ed. Beatriz Berrini, Lisboa, Lisóptima Edições/Biblioteca Nacional, 1993.

<sup>28</sup> Luís Prista, *loc. cit.*, p. 50. Ramalho começa: “Há sete annos que, por fins do mez de Setembro, eu percorri a Sicilia, desembarcando em Palermo, dando volta á ilha, e reembarcando ao fim de tres semanas em Messina.” (p. 137) De facto, seguiu de Roma para Nápoles – cuja “Vista tirada do tumulo de Virgílio” encima o artigo – e seguinte percurso em Novembro de 1901...

convocada por terramoto. A edição em volume não dá a fecunda iconografia que acompanha as três partes na *Ilustração Portuguesa*<sup>29</sup>, artigo suscitado pelas imagens de destruição de Reggio e Messina nas edições de 11, 18 e 25 de Janeiro de 1909. Razão de Ramalho, nas últimas linhas: “Sobre essa pátria da Belleza acaba de passar a impiedosa catastrophe.”

*Através da França, Suíça e Itália (Diário de viagem)*, J. Reis Gomes<sup>30</sup> será o cicerone mais completo. Três quartos do volume de 379 páginas são dedicados a Itália (pp. 69-322). Partindo de Nice, o grupo chega a Génova em 17 de Julho daquele ano e deixa Milão a 3 de Agosto. Em menos de três semanas, visita-se o essencial, mesmo se, por vezes, à pressa, como em palácios de Génova, contra demoras no cemitério de Staglieno, «que é, pela profusão e valor das suas obras, talvez o mais famoso do mundo» (p. 73). Pisa requer o dia 18; seguem-se quase cinco dias e quatro capítulos em Roma e no Vaticano, numa catadupa de informação que rasura quaisquer laivos de interioridade. Nápoles, Pompeia, Assis, Loreto, Florença, Pádua, Veneza, Milão são outros tantos capítulos de exteriores, embora cuidados na prosa.

Referência obliterada, Miguel Torga dedica boa parte d’*O quarto dia* [1939] d’*A criação do mundo*<sup>31</sup> a périplo sob a égide de Mussolini, o qual *ha sempre ragione*, brandem pancartas milanesas. Entre interlocutores “Humanos até à raiz dos cabelos!” (p. 250) e a doçura da paisagem, dá-se a “peregrinações pela cidade e arredores a visitar museus, igrejas e monumentos. Não queria ninguém a meu lado enquanto via a *Ceia* de Leonardo, admirava Sant’Ambrogio ou seguia as passadas de Stendhal.” (p. 255) E, frente ao *Cristo morto*, de Mantegna, na Brera, entende a penúria artística lusitana...

---

<sup>29</sup> “Sicilia”, 1-2-1909, pp. 137-146; “Sicilia. Sensações d’Arte”, 8-2, pp. 172-179, e 1-3, pp. 268-277.

<sup>30</sup> Lisboa, s. d. [1926].

<sup>31</sup> 1.<sup>a</sup> edição conjunta, Coimbra, 1991.

Florença é uma funda contradição que o totalitarismo ascendente estava quase a confirmar:

O espírito como que se materializara nas suas ruas, nos seus palácios, nas suas igrejas. A torre da catedral parecia a equação do equilíbrio; o génio de Dante e Miguel Ângelo tutelava cada recanto; as Graças da *Primavera* de Botticelli cruzavam-se comigo a cada esquina. E no meio de tanta beleza, de tanta perfeição, de tanta harmonia, a memória de Savonarola a arder ainda na Praça da Senhoria [...]. (p. 260)

O aviso mais claro desta nova ameaça depara-se-lhe em Roma, que dissecava miudamente, até ao contraponto da actualidade: “O Duce discursava na Praça de Veneza.” (p. 265) Seguem-se Pádua e Veneza, “oásis do mundo” (p. 270).

Ainda em Novecentos, crescem aplausos de Sena, Sophia, David Mourão-Ferreira<sup>32</sup>, Ruy Belo, António Osório, Mário Cláudio, num Abelaira metafórico<sup>33</sup>; e, já neste milénio, n’*A viagem do elefante* saramaguiana, que passa por Génova, pelas “civilizadas terras da ligúria, às quais se hão-de seguir a lombardia e o veneto”<sup>34</sup>. Atravessa Mântua, Verona, Pádua – onde, diante da basílica de Santo António, o elefante ajoelha, para espanto geral, e milagre celebrado na Trento conciliar. José Saramago recorda, sem o dizer, “aquelle alifante / que foy a Roma tam galante» da vicentina *Exortação da guerra* (1514, vv. 195-196), de cujos versos 408-409 vai tirar o póstmum *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas* (2014). Nos cinco livros ‘papais’ que nos deixou (2009-2013), Luís Miguel Rocha não se fica pelas *sombras* do Vaticano...

<sup>32</sup> Teresa Martins Marques, “Algumas imagens de Itália em David Mourão-Ferreira”, *Estudos Italianos em Portugal*, nova série, 1, 2006, pp. 371–383.

<sup>33</sup> De *A cidade das flores* (1959) dissemos “metáfora doce”, Lisboa qual “Florença de anos 30 e atmosfera mussoliniana” (Ernesto Rodrigues *et alii*, coord., *Dicionário de literatura*, Porto, Figueirinhas, 2002, s. v. “Abelaira, Augusto José de Freitas”).

<sup>34</sup> Edição ilustrada, Lisboa, Fundação José Saramago / Editorial Caminho, 2008, p. 181.

No diário de Irene Lucília Andrade<sup>35</sup>, na lírica de Victor Oliveira Mateus<sup>36</sup> ou Ernesto Rodrigues<sup>37</sup>, no ensaísmo<sup>38</sup>, algum reeditado<sup>39</sup>, acrescido de novas fontes, muito há a forragear sobre uma Itália de luz cálida, tesouro da Humanidade, éden a revisitar.

---

<sup>35</sup> *Crónica breve da cidade anónima. À hora do tordo*, Funchal, Funchal 500 Anos, 2008 [Veneza, pp. 45-50; Roma, pp. 94-96].

<sup>36</sup> *Regresso*, Fafe, Editora Labirinto, 2010.

<sup>37</sup> *Do movimento operário e outras viagens*, Lisboa, Âncora Editora, 2013 [“Génova”, p. 26; “Roma / Quatuor”, pp. 27-30].

<sup>38</sup> Arnaldo Pinto Cardoso, *A presença portuguesa em Roma*, Lisboa, Quetzal, 2001; Maria Fernanda Ferreira Azuaje, *A presença portuguesa em Roma na real igreja, casa e hospital de Santo António dos Portugueses na época moderna – Uma visita guiada pela história e pelo património*, dissertação, Porto, Faculdade de Letras, 2011.

<sup>39</sup> Caso de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros textos sobre o Venerável, de Mons. José de Castro, org. de Henrique Manuel Pereira, Bragança, Diocese de Bragança-Miranda, 2014. Originariamente, *Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires* (1946), extraído de *Portugal no Concílio de Trento*, 6 vols. (1944-1946), a Mons. José de Castro devemos, ainda, *A Roma e à Terra Santa: Crónicas de viagem* (1925), *Terras de S. Francisco* (1928), *Portugal em Roma*, 2 vols. (1939).